

**Já não
me sinto só**



Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Copyright © Maria Flor, 2021
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2021
Todos os direitos reservados.

Preparação: Departamento editorial da Editora Planeta do Brasil
Revisão: Elisa Martins e Fernanda Guerriero Antunes
Diagramação: Marcela Badolatto
Capa: Departamento de arte da Editora Planeta do Brasil
Ilustração de capa: Anna Cunha

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Flor, Maria

Já não me sinto só / Maria Flor. – São Paulo: Planeta, 2021.

192 p.

ISBN 978-65-5535-309-9

1. Ficção brasileira I. Título

21-0573

CDD B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção brasileira

2021

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Bela Cintra 986, 4º andar – Consolação
São Paulo – SP – 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

CAPÍTULO UM Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Eram quatro e meia da manhã e nada de o sono chegar. Eu não dormia fazia três dias. O meu coração meio que tinha parado havia dois. Não sei se foi no momento em que tirei minhas coisas do armário, uma a uma: vestidos, blusas, a minha calça preferida... ou se foi quando olhei para a cama ainda desfeita e me lembrei de nós ali.

A minha última lembrança boa era de deitar ao lado dele, acho que foi depois de algum show ou de uma festa, porque estávamos muito cansados e bêbados.

Tínhamos tomado um ácido e, quando chegamos em casa, já desmaiados, loucos e sujos, fizemos o melhor sexo da nossa vida, pelo menos para mim.

Quando deitei a cabeça no peito dele, usando seu braço direito como traveseiro, ele me olhou e sorriu. E tudo fez sentido. Ele sempre sorria.

Não verei mais esse sorriso. Tenho que guardá-lo na minha memória, que a cada dia fica mais longe e mais estranha.

Quando foi mesmo que a gente se desapaixonou?

Sentada na cama, no quarto de hóspedes da casa da minha mãe, eu pensava devagar sobre o que estava fazendo com a porra da minha vida e o que faria dali para a frente.

Marquei com ele às onze horas da manhã na nossa casa, que não é mais nossa, é dele, para pegar as minhas coisas.

Ele iria temporariamente para a casa do pai enquanto eu ficaria uma semana no apartamento para tirar as minhas coisas de lá. Não foi exatamente como eu queria, mas ele quis ficar com o apartamento. Justo. Afinal, foi ele quem encontrou o charmoso apartamento de três quartos no Jardim Botânico.

Pensei no que fazer até o amanhecer. Dormir não me parecia uma possibilidade.

Eu poderia acordar a minha mãe e pedir um pequeno comprimido para isso, mas achei que ela iria querer conversar e eu não sabia se me faria bem, dada a capacidade da minha mãe em ser amável e otimista quando estou fazendo o que ela acha que é melhor, mas, na verdade, tudo está ruindo.

Poderia fumar um baseado. Isso. Fazer um baseado e sair para dar uma volta na rua.

Seria perigoso àquele horário?

O relógio marcava quatro e cinquenta da manhã.

Talvez fosse melhor ficar onde estava e olhar pela janela.

Àquela hora, o Baixo Gávea já havia fechado e todos os bêbados cariocas tinham ido para casa.

Que dia era mesmo? Quarta?

Que inferno. Acabei de me imaginar solteira.

Não queria pensar sobre isso... todas as festas, bebedeiras, novos amigos de infância conhecidos há duas horas, drogas, noites sem dormir, casos confusos, ansiedade, mensagens não respondidas...

O baseado. Era isso. A janela. Ver o dia amanhecer.

Sempre adorei ver o dia amanhecendo. Eu gostava de acordar às seis horas da manhã, pegar a bicicleta e ir para a aula de ioga.

No caminho, ver o sol subindo devagar, as pessoas indo para o trabalho, alguém correndo, uma mãe com o carrinho de bebê, os ônibus passando ainda vazios, o céu ganhando o azul do resto do dia, uma pessoa chegando da noite anterior.

A vida começando junto com o dia. Eu sempre gostei dessa sensação, como se o dia fosse ser melhor porque eu amanheci com o sol.

CAPÍTULO DOIS



Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Eu estava sem a chave. *Merda. Não acredito que terei que tocar o interfone*, pensei. Toquei.

— Oi. Vou abrir... Você deu sorte, eu já deveria ter saído, mas atrasei.

Teoricamente, ele não deveria estar em casa quando eu chegasse, mas fiquei feliz por ele estar ali, até porque eu havia esquecido as chaves, né?

Esperei que ele abrisse a porta do apartamento. Ele abriu, e eu reparei que ainda estava de meias. Não as favoritas, aquelas de festa; não, estava com as meias de frio.

Era outono e o clima não se decidia entre a luz mais linda do mundo e o cinza dos dias chuvosos.

— Entra — ele disse. — Fica à vontade.

— Como se a casa fosse minha, né? — Fiz a pior piada do mundo, claro.

Ele riu constrangido e seguiu para a cozinha como se quisesse fugir dali, sair e esquecer que aquilo tudo estava acontecendo.

Fiquei parada na sala por um tempo, pensando por onde começar.

Aquela era a minha casa e, de repente, não era mais.

Eu não me reconhecia em nada, como se eu não pertencesse mais àquele lugar.

Moramos ali por três anos. Era um prédio pequeno de três andares, dois apartamentos por andar.

Ele descobriu o apartamento através de um amigo que acabou virando nosso vizinho de porta, o Miguel.

Agora ele estava esperando o primeiro filho, e me dava uma tristeza enorme não participar desse momento, o nascimento da Luiza.

Embaixo moravam Antônio e João.

João era um sociólogo inteligente e um pouco deprimido que tinha um humor ácido e a incrível capacidade de conversar sobre qualquer assunto.

Eu e João conversávamos longamente sobre política, e ele me atualizava dos acontecimentos, já com sua visão crítica e aguçada. Quer dizer, ele falava longamente sobre política e eu escutava.

Antônio era cineasta. Depois de morar quatro anos em Londres, voltou para o Brasil e terminou um casamento de sete anos.

Ele foi carinhosamente recebido por João, que, apesar de prezar muito por sua individualidade enquanto está namorando, não hesitou em aceitar dividir o apartamento com o amigo necessitado.

Eles já moram juntos há dois anos.

Nos dois apartamentos do térreo morava a dona Lurdes, uma senhora viúva que fazia o melhor bolo de laranja do mundo. Ela era um pouco surda.

Isso era a minha vida. Aqueles amigos, aquele prédio, aquele homem.

Andei até o quarto, olhei a cama, as roupas no armário.

Era um quarto grande, com vista para a rua, e se chegasse ao cantinho da janela, dava para ver a Lagoa.

O apartamento tinha três quartos, dois grandes e um menor, onde ficava a nossa bagunça: pranchas de surf, skate, passando pelos meus cinco tapetes de ioga e a bicicleta ergométrica, herança da minha avó, que acreditei ser uma boa ideia e agora me pego pensando o que eu faria com ela, já que jamais pedalei a coisa ou subi nela.

O segundo quarto era o nosso, tinha uma cama de casal, duas mesinhas de cabeceira e uma estante com a TV.

Um cômodo simples, mas bem decorado.

A cama era minha, e eu a levaria. Será que ele iria comprar uma cama nova? Claro que compraria uma cama nova...

O terceiro quarto era o escritório e a sala de televisão, com dois confortáveis sofás. A gente adorava receber os vizinhos ali. Todos os dias tinha gente em casa. Amigos que vinham conversar, trabalhar ou ouvir música.

Ele sempre soube o que colocar para ouvir, sempre, em qualquer ocasião. Ele sempre sabia tudo o que estava sendo lançado e sempre me apresentava coisas novas.

Como eu faria para ouvir música agora? Foi ele quem me apresentou tudo o que eu escutava. Tudo. Radiohead, The Strokes, Yo La Tengo, The National, LCD Soundsystem... Eu me sentia tão estúpida pensando essas coisas: *Quem vai ficar com a cama? Quem vai me mostrar as músicas mais descoladas?*

É isso? É para isso uma relação? Para depois ficar dividindo roupas de cama e não ter alguém para apresentar as músicas que você precisava ouvir?

Nós tínhamos uma música de casal, óbvio. “Creep” era a nossa música preferida, ou ainda é a nossa música preferida, já não sei mais.

Quando nos conhecemos, eu estava numa festa junina.

Lembro que me enfiei numa saia quadriculada azul-marinho que tinha sido da minha mãe, fiz duas marias-chiquinhas no cabelo e pequenas pintinhas nas bochechas com lápis preto.

Acho que é bem importante dizer que eu tinha acabado de sair da relação mais dura e difícil da minha vida.

(Essa história inclusive é muito incrível, talvez dê outro livro.)

Tudo bem, eu só tinha vinte anos, mas havia flagrado meu namorado saindo com outra menina de uma festa para a qual tínhamos combinado de ir juntos...

Eu tinha terminado o namoro havia um mês mais ou menos e estava em frangalhos. Arrasada, deprimida, perdida, com a autoestima no pé e o coração na mão.

Na verdade, por mim, eu ficaria sem sair de casa por pelo menos três anos, mas minha amiga Carol não permitiu e me convenceu a

sair da cama depois do décimo episódio de *Sex and the City*.

Quando cheguei à festa, que acontecia numa praça – com barraquinhas, pessoas dançando, fogueira, milho e salsichão –, eu me deparei com o cara que tinha partido meu coração. O cara que eu havia flagrado saindo de uma festa e entrando num táxi com uma gata maravilhosa. O cara que havia destruído todos os meus sonhos estava na mesma festa que eu.

No meio do pânico absoluto e com a certeza de que eu gostaria de enfiar a minha cara num buraco, eu imediatamente fiquei com vontade de fazer xixi.

Eu precisava entrar num banheiro e me fechar lá dentro por toda a vida.

E foi aí, no desespero por um xixi e um esconderijo, que minha amiga Carol encontrou um velho amigo.

E, sim, aquele seria o meu namorado pelos próximos seis anos.

Ele sorriu e perguntou se eu queria ir à casa dele para usar o banheiro.

Naquele tempo, ele não usava barba e era um pouco mais sério, mas os olhos verdes já estavam lá.

Ele estava com alguns amigos que a Carol conhecia, e a casa dele ficava na esquina da

rua. Então fomos todos tomar uma cerveja e usar o banheiro.

Entrei no banheiro com a Carol e gritamos juntas em silêncio. Sabe cena de filme? Quando a mocinha e a melhor amiga querem comemorar a conquista do mocinho e fingem que gritam no banheiro?

É, a gente fazia isso. Eu tinha só vinte anos, gente... não me julguem.

Ele era lindo, inteligente, charmoso, sexy.

Era tudo de que eu precisava naquele momento.

Mas é claro que eu tinha acabado de conhecer aquele ser humano que salvaria a minha vida amorosa desastrosa, então não podia sair do banheiro e me declarar apaixonada. Mas tudo que eu queria era exibir um beijo bem melado na cara do meu ex, que (ficou óbvio para mim) só tinha ido àquela festa junina por minha causa.

Saí radiante e animada do banheiro e dei de cara com ele, que me ofereceu uma cerveja. Ele parecia interessado em mim, porém, mais importante do que isso, eu estava interessada nele.

Jamais imaginei que, apenas um mês depois do flagrante terrível no meu ex, eu iria me interessar por alguém.

Na verdade, eu achava que a minha vida amorosa tivesse terminado para sempre.

Porque, aos vinte anos, a gente acha que o primeiro término é o fim da nossa vida, aí depois, com o passar do tempo, a gente entende que não, que são muitos términos mesmo e a vida não acaba.

A vida só acaba quando ela realmente acaba.

Ficamos um longo tempo nos olhando na sala enquanto as pessoas abriam garrafas de cerveja e conversavam.

Eu estava um pouco tímida, me lembro. Não sabia muito o que fazer ou dizer, mas em algum lugar em mim eu sabia que era para ser, que tinha que ser.

Aquela foi a nossa primeira noite juntos.

Naquela época, a minha vida sexual se resumia a duas pessoas. Eu tinha vinte anos, mas sempre fui um pouco careta para fazer sexo com estranhos. Eu achava que sexo precisava de intimidade, de carinho, de alguma razão mais séria. Eu acho tudo isso até hoje, mas naquele dia foi diferente, eu não tive dúvidas.

Era o que eu queria fazer.

Lembro que me senti a mulher mais livre do mundo transando no primeiro encontro

com um quase desconhecido. Foi uma sensação muito boa: depois da noite, do encontro, do sexo, pegar meu carro e voltar para casa. Estacionar em frente ao prédio, a luz começando a despontar no céu, e os passarinhos já cantando o começo de um novo dia.

Eu ainda morava com a minha mãe, mas foi uma sensação de liberdade e prazer que só as primeiras experiências fazem a gente sentir. Não sei se é pelo fato de tudo ser tão novo e não se ter tanta memória das coisas porque não se viveu tanto. Pelo menos era isso que eu sentia: liberdade e descoberta.

Nunca mais vou sentir o cheiro dele.

Ele andou até a porta do quarto, disse que já iria embora e chamou um táxi. Eu estava sentada, olhando alguns livros na estante.

Só existiam táxis. A gente chamava pelo telefone. Nada de aplicativos, nada de Uber, nada de nada.

A vida era feita de táxis chamados pelo telefone. Isso já faz dez anos.

Nos olhamos e ficamos em silêncio.

Ele estava bonito com a barba por fazer e o casaco verde e azul que compramos num brechó em Amsterdã.

Eu pedi para abraçá-lo.

Ele sorriu triste e me pegou nos braços. Ficamos assim por um tempo. Apertados, um contra o peito do outro.

Senti uma saudade infinita, como se já não nos víssemos havia meses. Ele era parte de mim. Eu sentia mesmo como se fosse dessa maneira, como se ele fosse um pedaço do meu próprio corpo.

E ali me dei conta da separação. Ela se abriu no meu corpo. Um buraco negro. Não existiria mais “nós”.

Eu estava ali, abraçada a ele, e essa seria a última vez que iríamos nos abraçar. Era isso. Era o fim de tudo.

Agora o nosso amor era parte da nossa história, do que nos tornamos até aquele momento. Mas o que viria?

Eu não estaria mais presente para vê-lo crescer, se tornar outro e mais outro, e isso doía.

Ele saiu do abraço.

— É difícil — ele disse.

Eu apenas chorei. Já estava quase desistindo e dizendo que podíamos tentar. *Por que foi mesmo que a gente resolveu se separar? Você lembra?* Eu já nem me lembrava mais. *Vamos desistir dessa estupidez. Quem teve essa ideia idiota de separação?*

Tive vontade de me jogar aos pés dele, dizer como fui estúpida e pedir perdão. Pedir perdão por tudo e beijá-lo.

Mas nada daquilo era real.

Ele seguiu até o armário e continuou fazendo a mala. Eu apenas o observava.

Aquele armário foi presente da minha mãe quando casamos. Eu combinei de levar. Olhei para as prateleiras e já via tudo vazio.

Ele me olhou.

— Você acha que será difícil tirar o armário?

— Não sei...

— Você quer que eu ligue para o marceneiro que fez?

— Não, obrigada. Eu consegui outro que vai instalar assim que tiver um apartamento novo. Tem várias pequenas coisas para fazer.

— Você está mesmo bem com a mudança?

— ele perguntou.

— Acho que sim.

— Pensa bem se é isso mesmo — ele disse, com dupla intenção, imaginei. “Pensa bem se é isso mesmo.”

E essa pergunta reverberava na minha cabeça a ponto de me paralisar.

Ele seguiu para o escritório.

A pequena mala de roupas estava na porta do apartamento. Ele andou até ela e abriu a porta.

— Você está bem? — eu perguntei.

— Eu vou ficar — ele respondeu.

Ficamos um tempo em silêncio, quebrado por mim em seguida.

— Você acha que a gente virou só amigo? Foi isso?

— Não — ele disse.

— Eu acho.

— Eu não, fala por você.

Tinha certo rancor, uma raiva talvez, naquela resposta. Fiquei quieta, absorvendo o golpe.

Um tempo. O táxi dele chegou. Ele pegou a mala e me olhou, talvez pela última vez daquela maneira.

— Minha princesinha... — Era como ele me chamava.

Eu comecei a chorar quase que sem som. Era como se meu peito ficasse tão apertado que era impossível emitir som; palavra alguma poderia descrever o que eu sentia naquele momento.

Talvez medo, só o medo da vida toda pela frente e do desconhecido.

Ele bateu a porta e saiu.

Fim.

Andei até o armário com a intenção de arrumar as roupas e os objetos o mais rápido possível. Eu sabia que seria doloroso demais

separar o paletó dele do meu vestido, como diria Chico Buarque.

Mas, assim que entrei no quarto, me deparei com uma caixa aberta, uma dessas forradas com papel nas quais vêm embalados os presentes que ganhamos e depois guardamos para acumular coisas dentro.

Por cima da caixa havia uma foto jogada displicentemente e várias outras por debaixo. Peguei a foto na mão. Eu adorava aquela foto.

Ele quem tirou. Foi na primeira viagem que fizemos juntos. Tínhamos ido para a Bahia e havia sido uma viagem muito feliz, cheia de romance, sexo, estávamos apaixonados. A foto provava isso: eu olhava para ele com um sorriso tranquilo e feliz nos lábios, um sorriso de quem estava entregue ao momento. O chapéu dele sobre a minha cabeça e uma flor, uma flor brinco-de-princesa na orelha.

Lembro-me de ele pegar a flor, me dizer o nome e colocar delicadamente no meu lóbulo.

“A minha princesa”, ele dissera. E enfim eu tinha um príncipe.

Essa flor deu origem ao nosso apelido. Ele me chamava de princesa.

Olhei para a foto por um longo momento.

Quem era eu ali, naquela imagem? Não conseguia me reconhecer.

O que eu estava pensando sobre a vida, sobre mim e sobre nós?

Era esse o motivo da nossa separação, entendi naquele momento.

Eu não podia mais olhar para ele daquele jeito, com aquele olhar tranquilo e confiante de que eu pertencia.

Eu não era mais a menina com um brinco de flor na orelha.

Eu era outra, mas quem? Eu não sabia, mas aquela da foto não era quem eu me sentia naquele momento, em pé, começando a desfazer a minha primeira casa com alguém. Porém, ao mesmo tempo, eu precisava desesperadamente dele. Ele me dava sentido, me olhava, me amava.

Aquela foto me fez desmoronar novamente. Eu não conseguia me manter de pé. Era triste demais, doído demais.

Mas eu tinha tomado aquela decisão. Não era possível voltar atrás, eu sabia que precisava seguir, não sabia como nem para onde, mas alguma coisa em mim dizia que aquela era a decisão certa, que era o que precisava ser feito.

Abri uma mala e comecei a jogar minhas coisas dentro. Vestidos, sapatos, fotos, colares. Lembranças de uma vida toda com alguém. Era melhor não pensar muito.

O caminhão da mudança viria para levar as coisas e colocar num contêiner quatro por dois em uma semana.

Era isso que eu precisava fazer. Arrumar as minhas coisas em caixas, organizar meu coração e partir.

